

FROMM, Guilherme . Trabalhando com o Inglês Instrumental para leitura . In: Maria Célia Lima-Hernandes. (Org.). Domínios de Linguagem: práticas pedagógicas. 1 ed. São Paulo, 2002, v. 1, p. 23-32.

Trabalhando com o inglês instrumental para leitura

Estamos nos deparando nos últimos anos com grandes questões acerca do ensino de Língua Inglesa: o nosso público-alvo consegue ou não ter o domínio mínimo da língua? Será que é necessário, por parte do aluno, o domínio de todas as habilidades lingüísticas (*skills*) ou haverá uma hierarquia de necessidades e uso? Até quando alguns professores da rede pública acham que poderão tentar ensinar a língua usando somente músicas com o intuito de agradar a audiência (segundo relatos dos próprios alunos)?

O ensino instrumental de línguas (ou ainda *língua de especialidade, ESL*, dependendo do enfoque a ser adotado) vem ganhando espaço desde a década de sessenta com a idéia de apresentar um curso mais objetivo, onde o aluno possa aprender aquilo que é de sua necessidade mais imediata. Muito comum nos meios universitários, como subsídio tendo em vista os exames de proficiência em língua estrangeira (para quem aspira ao mestrado ou doutorado), o curso instrumental acabou se espalhando para outro nível. Pode ser adotado hoje na graduação como curso específico dentro de várias áreas, tais como: Inglês para Turismo, Inglês para Processamento de Dados, etc. Mas existe também a possibilidade de trabalhar com inglês instrumental com os alunos de graduação de letras (pelo menos para os dois primeiros semestres) e alunos do curso médio (rede pública ou privada)

Antes de começarmos responder as perguntas acima citadas, precisamos definir quem é o nosso público-alvo, pois as necessidades variam e as concepções de como trabalhar com os diversos materiais também.

O público que está tentando ingressar nos cursos de mestrado ou doutorado tem um objetivo bem específico: a leitura de textos na sua área; eles porém já têm um certo domínio do vocabulário e de algumas estruturas gramaticais.

Os alunos de graduação em Letras devem ter o maior contato possível com diferentes tipologias textuais e vocabulários, a fim de estarem preparados para lecionar a língua. O conhecimento prévio dessa geralmente se mostra incompleto ou segmentado, havendo a necessidade de agregar e prosseguir na construção desse conhecimento. O estudo da gramática deve permear o máximo possível a leitura, já que eles precisam ter segurança quanto ao uso.

Quem está fazendo uma graduação em outra área e tem o curso de inglês instrumental, precisa aprender algumas regras básicas de gramática, o suficiente para que consiga ler (como por exemplo, conjugação de verbos no passado) e todo o vocabulário específico para poder trabalhar com desenvoltura junto as outras matérias e os desafios que a profissão apresenta.

Alunos do ensino médio devem ter uma ênfase na gramática (já que ela ainda está na fase de fixação) e na leitura de textos gerais. A gramática tem que ser bem estruturada e dividida entre os sete anos de curso, apresentando uma dificuldade crescente e fazendo com que o aluno desenvolva a capacidade de ler textos cada vez mais difíceis.

Em todos os casos, deve ficar bem claro para o professor que ele está ensinando os “instrumentos” com os quais os alunos vão continuar desenvolvendo essa habilidade de leitura pelo resto da vida.

Trabalhando com a gramática

O desenvolvimento da parte gramatical deve ser analisado em conjunto com outros professores (que estejam ou não trabalhando com inglês instrumental) a fim de formar um “todo” e haver uma unidade dentro do curso. Alguns materiais didáticos mais recentes já apresentam a preocupação de inserir, pelo menos, o básico da gramática inglesa em suas páginas. Caso optemos por montar nosso próprio material, cabe a nós decidir se haverá uma mistura entre os exercícios instrumentais e a gramática (o que, segundo nossa experiência, parece ser menos cansativo para os alunos) ou a separação entre ambos.

Trabalhar com textos reais, seja qual for a extensão, parece ser o caminho mais rápido para o aluno reconhecer ou a sua profissão e questões pertinentes (como os alunos de pós-graduação e aqueles que tem inglês instrumental na graduação), ou questões do dia a dia que podem refletir no seu cotidiano e no seu modo de pensar. A artificialidade de muitos exercícios de gramática faz com que os alunos não consigam “ligar” o que foi proposto com a prática. Um exercício que, com um enunciado bem claro, faça uma relação direta com o texto, facilita a assimilação da regra gramatical na mente do aluno e já fornece um exemplo de aplicação.

Algumas técnicas de leitura instrumental

Os exercícios de leitura instrumental, onde colocamos em prática uma ou várias técnicas ao mesmo tempo, começam a preparar os alunos para vãos solos, quando terão a capacidade de ler recorrendo o mínimo possível aos dicionários. Novamente devemos salientar a importância de textos reais, onde o aluno consiga ver um reflexo do seu dia a dia.

Existem várias técnicas de leitura, mas gostaríamos de salientar a importância da construção de sentido. Acreditamos que a melhor maneira de trabalhar é uma ordem crescente, que parte da morfologia das palavras até atingir o entendimento total do texto através dos exercícios de interpretação. Vamos analisar esses estágios com alguns exemplos.

Predizendo o texto

Sempre que lemos um texto, temos uma expectativa prévia em relação a ele, seja pela indicação do título, do subtítulo, das representações pictóricas que o acompanham, seja porque alguém já falou sobre esse. Esses elementos que o cercam são de grande valia para criar uma idéia acerca do assunto a ser abordado, fazendo com que estejamos receptivos a esta ou aquela linguagem, a esta ou aquela tipologia textual. Procure trabalhar com esses elementos antes de trabalhar com o texto em si, o que provavelmente vai facilitar a sua leitura. Veja por exemplo a manchete abaixo:

New movie format

D-Theater digital videocassettes have about twice the resolution of DVDs.

USA Today, 28.08.2002

Pergunte aos alunos quais as palavras que eles já conhecem, qual a relação entre elas e sobre o que o texto tratará. Claro que haverá muita discussão e várias respostas, mas elas criarão uma idéia das possibilidades que o texto representa, facilitando inclusive o entendimento na hora da leitura.

Entendendo a palavra em si (morfologia)

Fazer uma análise morfológica das palavras que compõe o texto é um exercício divertido e de grandes descobrimentos para o aluno. Naturalmente que, dependendo do público, não precisamos dizer que se trata de tal análise, e sim brincadeiras com as palavras.

Grande parte do vocabulário da Língua Inglesa tem origem no Latim, assim como o Português. Trabalhar com esse vocabulário, geralmente cognatos, faz com que o aluno perceba os processos morfológicos que se aplicam às palavras, tanto em Inglês quanto em Português, para a construção de novos sentidos: derivação (prefixal e sufixal), composição, etc. Veja o texto abaixo:

In the introduction to a collection of essays on the terrorist attacks of Sept. 11,
the scholars Strobe Talbott and Nayan Chanda write that their working
premise was "that the unforgivable is not necessarily incomprehensible or
inexplicable."
The New York Times, 28.08.2002

Podemos explicar para os alunos, por exemplo, que há uma grande necessidade por parte deles de memorizar os verbos, já que seu entendimento facilita a compreensão da frase. Supondo que eles já conheçam o verbo *forgive*, demonstre como funciona o processo de derivação (com *un-* e *-able*) mediante uma lista de prefixos e sufixos previamente fornecida. Peça então para eles acharem o significado de *unforgivable* e, na seqüência, usando a mesma tática, de *necessarily*, *incomprehensible* e *inexplicable*. Quando o aluno entender a lógica da construção e souber aplicá-la, provavelmente poderá fazer o mesmo percurso em outros textos, seja qual for o tema.

Trabalhando com o contexto

Nem sempre uma palavra é um cognato ou falso-cognato que vai facilitar o entendimento do texto. Nesse caso, é interessante mostrar ao aluno a teia de relações que ele pode tecer com as palavras que antecedem ou se seguem àquela que está apresentando um problema de compreensão. Veja o exemplo:

FOCUS ON HIGHER RISKS

“All passengers do not pose equal security threats,” Wascom said. “Why should we continue to ask these simple questions of everyone? We should be *focusing* on people who are higher security risks.”

Associated Press, 08.2002.

Supondo que o aluno não conheça algumas palavras, ele pode tentar ao menos determinar a classe gramatical e daí inferir o seu significado dentro do contexto. *Pose*, por exemplo, pode ser identificado como verbo, já que vem depois de uma negação própria dessa classe (*do not*); o mesmo acontece com *focusing*, que vem precedido de dois verbos e forma uma combinação. Sabendo a regra, básica na língua inglesa, que os adjetivos devem preceder os substantivos, o aluno tem a noção que *higher* é um adjetivo que se refere a *security*, substantivo que, por sua posição atual, se referindo a *risk*, funciona como adjetivo também. Invertendo a ordem de leitura, sempre uma boa dica quando se trata desse tipo de construção, o aluno consegue entender melhor a estrutura.

Elementos Textuais

A Lingüística Textual vem estudando, já há algum tempo, os elementos de coesão do texto. Eles fornecem a “amarracão” para que a estrutura não se deteriore nem o sentido se perca. Os pronomes são um bom exemplo a serem trabalhados em um texto:

Britney Spears has a scraped knee, and *she* has *Brad Pitt* to thank for *it*. On the prowl for some excitement one recent afternoon, the *20-year-old pop singer* bought a star map of L.A. celebrity homes. Soon *she* and a girlfriend were parked outside the Beverly Hills mansion *Pitt* shares with wife *Jennifer Aniston*. "I stood on top of my car, trying to see in," says *Spears*, who fell off when *she* spotted *the resident hunk* in the driveway. "I busted my knee open. I felt like the biggest dumbass ever." Did *Pitt* see *her*? "No, and thank you, God," *she* says with a laugh. "I would've been so humiliated."

People Magazine, 22.08.2002

A presença do pronome *she* (e *her*), substituindo *Britney Spears*, é bastante evidente por todo o texto. É importante chamar a atenção do aluno para o fato que o pronome está substituindo o sujeito e, ao contrário do português, onde a própria conjugação do verbo já indica qual é o pronome e por conseguinte de quem se trata, em inglês é necessário o uso desse pronome várias vezes (já que os verbos só têm desinência diferente para a terceira pessoa do singular, no presente). O mesmo acontece com *scraped knee (it)*. Preste atenção também aos substitutos não pronominais como *the 20-year-old pop singer* e *the resident hunk*, colocados no lugar de *Britney* e *Pitt*.

Skimming & Scanning

Das técnicas mais tradicionais em se tratando de língua instrumental, o *skimming* e o *scanning* já trabalham direto no nível textual. A idéia da técnica de *scanning* é a busca de informação específica no texto, enquanto o *skimming* procura dar uma “geral” para apreender o sentido do mesmo. Vamos aplicar as duas técnicas no mesmo texto:

All Nippon Airways Receives First Boeing 767 Freighter

EVERETT, Wash., Aug. 27, 2002 -- All Nippon Airways (ANA), one of Japan's largest airlines, today accepted its first Boeing 767-300 Freighter at a festive delivery ceremony accented by Japanese Taiko drummers playing on the new airplane's main deck.

For the ceremony, the freighter was parked nose-to-nose with a new ANA 767-300ER (extended range) passenger plane, which is the next airplane scheduled for delivery to the airline.

The new 767 Freighter is the first all-cargo airplane in the ANA fleet and will enable the carrier to increase its focus on the Asian air freight market, the fastest-growing the world. It is powered by twin GE Aircraft Engines' CF6-80C2 engines. The CF6-80C2 has logged more than 75 million flight hours in service. (...)

The 767 Freighter has a capacity of more than 16,000 cubic feet (450 cubic meters) of cargo volume, and the ability to carry approximately 60.5 tons

(54.88 metric tons) of revenue payload more than 3,270 nautical miles (6,056 kilometers). The 767 Freighter features a large cargo door on the main deck of the forward fuselage and a single crew-entry door.

Boeing Site, 28.08.2002.

Podemos começar com a atividade de *skimming*, perguntando aos alunos quais são as palavras chave (as que mais se repetem) no texto e que relação de sentido poderíamos estabelecer entre elas: *Boeing*, *ANA*, *Freighter*, *767-300*, *cargo*, etc. O background dos alunos, nesse exercício proposto, é fundamental para ligar essas palavras e ajuda na formulação da hipótese sobre o que trata o texto.

Em um exercício de *scanning*, poderíamos perguntar: para quem a Boeing está fornecendo o avião, qual o nome do modelo, quais são suas capacidades, o que é um *freighter*, quem fornece as turbinas, etc. Essas perguntas, em português ou inglês (dependendo do nível de entendimento dos alunos e dos objetivos propostos), vão nos indicar se o aluno conseguiu, dentro do texto, encontrar idéias ou palavras específicas que vão solucionar suas dúvidas. É importante passar essa idéia para ele, muitos ficam angustiados por não o entenderem totalmente, quando, na verdade, precisam somente de alguns elementos específicos para cumprir determinada tarefa.

Interpretação de texto

Dentro da nossa proposta, esse vai ser sempre o último item a ser trabalhado. Ao nosso ver, muitos livros didáticos de inglês instrumental para leitura são falhos por iniciar (e terminar) o livro diretamente na interpretação dos textos. Como um aluno, que mal consegue interpretar um texto na própria língua (e sabemos que a maioria tem esse problema), terá capacidade para discorrer sobre um texto em outra língua?

A interpretação de texto deve ter uma finalidade em si, e não simplesmente ser passada como mais um exercício. Devemos primeiro nos perguntar: o aluno precisa realmente entender todos os textos por inteiro? O texto traz condições para que surja uma discussão, uma análise ao seu respeito? Há interesse, por parte do aluno (especialmente quando trabalhamos com alunos particulares), naquele assunto?

Concluindo

Como pudemos observar, antes de começar a trabalhar com o inglês instrumental para leitura, devemos ter em mente qual o nosso público-alvo e como selecionar o material adequado para esse público. O Inglês Instrumental é um poderoso aliado para aqueles que, antes de fazerem com que os alunos alcancem vãos mais altos nas outras habilidades ou na língua como um todo, querem que o aluno tenha o mínimo de condições de trabalhar por conta própria. Tendo isso em mente, o aluno poderá desenvolver o interesse pela leitura, aumentar o seu vocabulário, se preparar para futuras aulas de literatura inglesa, ser aprovado em um exame de suma importância para a continuidade de sua carreira, etc.

Guilherme Fromm